

amor: fabricante de quimeras

Oluwa Seyi

amei, primeiro, um bem-te-vi
apreciei seu canto, examinei seu voo
desejei com força ser um pouco dos ares
afinal, qual a aparência do amor
entre um humano e um pássaro?
um dia, em susto, me percebi quase bem-te-vi
porém, nunca pude pairar no nada

eu só parecia animal alado:
por dentro do bico duro
à contraluz das penas amareladas
eu seguia só gente

amei, depois, uma carpa
idolatrei suas cores, investiguei seu nado
desejei com força ser um pouco das águas
afinal, qual a aparência do amor
entre um humano e um peixe?
um dia, em susto, me percebi quase carpa
porém, nunca pude respirar sob líquido

eu só parecia animal aquático:
por baixo das escamas grossas
nos intervalos das nadadeiras graciosas
eu seguia só gente

amei, por fim, um homem negro
admirei sua pele, analisei seu caminhar
mas, para amá-lo, não precisei me desejar diferente
éramos, frente à frente, espelhos

eu, a soma das tentativas
ele, a subtração das tentações
peles emendadas
feridas expostas
sujeitos vacilantes
corações inteiros, à revelia das apostas

o encontro inverossímil de dois seres híbridos

desabei e me afoguei incontáveis vezes, novamente
mesmo tendo projetos de asas e de guelras:
a terra firme também guarda seus absurdos

mas ao lado daquele homem negro eu descobri

que quimeras também podem ser amadas
sobretudo quando se permitem ser apenas quimeras

(BENTO, Oluwa Seyi Salles. Coletânea Ruas descalças, Editora Venas Abiertas)